

Incorporção do saber de parteiras e benzedeiros às práticas de saúde

Incorporation of knowledge of midwives and faith healers in health practices

Moema da Silva Borges¹

RESUMO

Introdução: O presente artigo discute os resultados de uma pesquisa que visou explicitar a base epistemológica que ancora o cuidado das parteiras e benzedeiros, à luz da teoria crítica pós-moderna de oposição, de Boaventura de Sousa Santos. Para melhor compreensão do assunto, apresenta-se uma breve revisão acerca do pensamento do autor, da sociologia das ausências, da sociologia das Emergências e do trabalho de tradução.

Método: A pesquisa de campo foi viabilizada por meio de estudo exploratório de abordagem qualitativa realizado no Distrito Federal e região de entorno. Utilizou-se a técnica de entrevista guiada com roteiro semi-estruturado.

Resultados: A apresentação dos resultados da pesquisa visa credibilizar o saber/fazer dos sujeitos do estudo como uma contribuição ao estudo das monoculturas do saber e do tempo.

Conclusão: Considera-se que a diversidade e flexibilidade epistemológica no campo da saúde podem ampliar as redes de cuidado, favorecendo uma epistemologia de conhecimento solidário.

Palavras-chave: Epistemologia; Sociologia das Ausências; Sociologia das Emergências; Cuidado em saúde.

¹Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil.

ABSTRACT

Introduction: The aim of this work is to present the epistemological basis that anchors the care of midwives and faith healers, in light of Boaventura de Sousa Santos's post-modern theory of opposition. In order to provide a better understanding of the subject, we present a brief revision of the Sociology of Absences, the Sociology of Emergencies and the Work of Translation.

Method: The field research was conducted through a qualitative exploratory study carried out in Distrito Federal – DF and Entorno ('outskirts')

Correspondência
Moema da Silva Borges
SQN 205, bloco G, apartamento 301,
Asa Norte, Brasília-DF. 70843-070, Brasil.
mborges@unb.br

Recebido em 06/junho/2008
Aprovado em 28/outubro/2008

of DF. It was done by means of a semi-structured interview whose objective was to answer, above all, the following question: What is the epistemological basis that anchors the care of midwives and faith healers?

Results: The present article discusses the results of the research and aims to make credible the knowing/doing of the study subjects as a contribution to the study of the monocultures of time and of knowledge.

Conclusions: We conclude that the diversity and the epistemological flexibility in the field of health care can extend the nets of care by means of knowledge solidarity.

Key words: Epistemology; Sociology of Absence; Sociology of Emergencies; Health care.

INTRODUÇÃO

A teoria crítica pós-moderna de oposição do sociólogo Boaventura de Sousa Santos estabelece uma importante discussão acerca das mudanças paradigmáticas da racionalidade da ciência moderna. Contribui para a superação das dicotomias sobre as quais foram fundadas as bases do paradigma científico vigente. A teoria abre ainda, um espaço para a luta emancipatória e o desafio representado pela articulação entre os saberes científicos, bem como entre outros saberes.

Essa abertura epistemológica é relevante, uma vez que o saber científico hegemônico exerce força opressora sobre outros saberes. Muitas vezes em seu nome são cometidos epistemicídios e/ou silenciamentos de culturas consideradas rivais. Nos debates acerca dos saberes não científicos, o conhecimento do senso comum é em geral representado em oposição ao conhecimento hegemônico, dando a entender que as pessoas que os detêm tem acesso apenas a um mundo restrito e que esse tipo de conhecimento não tem valor para além dele¹.

Nas últimas décadas do século XX a polêmica sobre a pluralidade epistemológica do mundo foi reavivada, assinalando a exigência de mudança paradigmática no campo do saber². Na atualidade o debate sobre a pluralidade epistemológica do mundo apresenta duas vertentes: a primeira, denominada vertente interna, questiona o caráter monolítico da ciência e refere-se à relevância epistemológica, sociológica e política da diversidade das práticas científicas. A segunda vertente, desig-

nada de pluralidade externa², interroga-se sobre o exclusivismo epistemológico da ciência em relação a outras formas de conhecimento.

Assim, a vertente externa da ciência traz à baila a questão da “demarcação da ciência e outros modos de conhecer o mundo, tidos como não-científicos e irracionais, incluindo-se, entre eles, as artes, as humanidades, as religiões e o senso comum”².

O saber do senso comum se caracteriza por uma lógica e um fazer que estão diretamente ligadas às dificuldades enfrentadas pelos grupos e resultam de práticas sociais organizadas que “envolvem a mobilização de recursos materiais e intelectuais de diferentes tipos, e vinculados a contextos e situações específicas”³.

Nesse cenário, uma das idéias centrais sobre o debate do papel da ciência no mundo pós-moderno refere-se à natureza social do conhecimento científico e indica a necessidade de analisá-la à luz dos interesses, crenças e critérios de validade compartilhados que orientam seus valores⁴.

Poderá um olhar positivado para o saber do senso comum favorecer a conformação de uma nova ciência que acolha diferentes bases epistemológicas? No campo da saúde a discussão acerca da conformação de uma ciência capaz de reconhecer a diversidade e pluralidade do saber/fazer saúde, ganha relevância, sobretudo, no enfoque da integralidade, que distingue valores ético e democrático,

características desejáveis a abordagem em saúde. Sendo assim, uma nova ciência da saúde remete a idéia de construção de um conhecimento emancipatório, responsável e comprometido com a vida e a saúde como valor e direito humano.

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa que buscou, fundamentalmente, responder a seguinte questão: Qual a base epistemológica que ancora o cuidado do saber do senso comum de parteiras e benzedeiras? Os resultados são discutidos à luz do pensamento de Boaventura de Souza Santos, privilegiando a Sociologia das Ausências e Emergências.

Razão Cosmopolita: uma alternativa epistemológica

Ancorado na argumentação da possível articulação entre diferentes saberes, Santos¹ propõe, como alternativa epistemológica a teoria da Razão Cosmopolita. Essa nova racionalidade se baseia, sobretudo, em um conhecimento de caráter solidário que reconhece o outro como sujeito, a partir de uma relação de alteridade. Busca, assim, maior abertura epistêmica, e torna visíveis outros campos do saber que o privilégio do cânone da ciência tendeu a neutralizar ou ocultar.

A Razão Cosmopolita procede de uma elaborada crítica à Razão Indolente (Razão Indolente é uma designação de Leibniz, usada por Boaventura de Souza Santos, para proceder à crítica ao modelo de racionalidade ocidental dominante) e parte de três aspectos: o primeiro aponta que a compreensão do mundo está para além da compreensão exclusiva do mundo ocidental; o segundo fundamenta-se na idéia de que a legitimação do mundo ocidental está diretamente relacionada às concepções de tempo e temporalidade; e o terceiro entende que o fundamento da concepção ocidental de racionalidade consiste em contrair o presente e expandir o futuro. Considerando-se que saber é uma construção híbrida e exige a abordagem e contextualização de diferentes saberes os aspectos focalizados por Santos evidenciam que o modelo da racionalidade moderna favorece um “grande desperdício da riqueza social”¹.

Na contramão da concepção ocidental, a razão cosmopolita propõe então, como estratégia epistemológica a expansão do presente e contração do futuro. “Só assim, será possível criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje”¹.

A preocupação com a liquidez da existência contemporânea tem também sido tema das reflexões de Zygmunt Bauman⁵. A vida líquida – expressão utilizada pelo autor para nomear a limitada expectativa de utilidade dos objetos e pessoas na sociedade moderna de consumo – traz a rebote uma crítica a desvalorização do presente.

Na razão cosmopolita três procedimentos sociológicos são propostos: a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução.

Sociologia das Ausências

As propostas de ampliação do mundo e dilatação do presente se apresentam pela Sociologia das Ausências. Seu objetivo é transformar objetos impossíveis em possíveis e, com base neles, transformar as ausências em presenças¹. Portanto, essa investigação visa demonstrar, que aquilo que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não-existente.

Esse procedimento sociológico representa um avanço para a compreensão da pluralidade do conhecimento do senso comum acerca do cuidado em saúde. Na interpretação de Santos, há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável, de modo irreversível¹.

Dessa forma, o desvelamento das capacidades dos saberes que ancoram o cuidado tido como não-científico, aclara sua potencialidade, permite a sua visibilidade e conseqüente qualificação. No contexto desse estudo, a proposta é superar o entendimento de que os saberes dos cuidados não-científicos constituem uma versão empobrecida frente aos saberes científicos.

Na perspectiva da sociologia das ausências a desqualificação de objetos e sujeitos, bem como de diferentes visões de mundo que foge aos critérios da racionalidade moderna tende a fabricar lógicas de não-existência. Essas lógicas, por sua vez, fundam as bases de cinco modos de produção de ausências, a saber: a monocultura e rigor do saber; a monocultura do tempo linear; a lógica da classificação social; a lógica da escala dominante; e a lógica produtivista¹.

A tese de que se sustenta a Sociologia das Ausências afirma que *não há saberes nem ignorâncias completas*, e visa substituir a monocultura do saber científico por uma ecologia dos saberes. Assim

ela se concretiza ocorre por meio do confronto entre o senso comum e o saber científico, e transita no campo das experiências sociais, ricamente forjadas numa perspectiva situacional. Enquanto, no campo das expectativas sociais move a Sociologia das Emergências.

Sociologia das Emergências

A Sociologia das Emergências se propõe a substituir o vazio do futuro, segundo o tempo linear, por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que vão se construindo no presente através das atividades de cuidado¹. Seu conceito é presidido pela idéia do *Ainda-não* (*Not-Yet*), sugerida por Ernest Block, como uma categoria complexa e processual porque exprime uma tendência ainda latente, ainda em manifestação, permeada pelo princípio da incerteza.

Na leitura objetiva de Santos,

o Ainda-Não é, por um lado, capacidade (potência) e, por outro, possibilidade (potencialidade). Esta possibilidade tem um componente de escuridão que reside na origem dessa possibilidade no momento vivido, que nunca é inteiramente visível para si próprio, e tem também uma componente de incerteza que resulta de uma dupla carência: o conhecimento apenas parcial das condições que podem concretizar a possibilidade; o fato dessas condições só existirem parcialmente¹.

Por essa razão, a Sociologia das Emergências é a investigação das alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas. Como referencial deste texto, transpõe-se para a busca das possibilidades e realidades do cuidado em saúde, por meio da ampliação concreta dos saberes, das práticas de parteiras e benzedeadas. A emergência desse cuidado ressalta tanto suas possibilidades (potencialidades), quanto sua capacidade (realidade). A legitimação de suas potencialidades reais substitui a determinação da idéia da axiologia do progresso pela idéia de axiologia do cuidado¹.

Desta forma, busca uma relação mais equilibrada entre a experiência e a expectativa. Para Santos, essa estabilidade não visa minimizar as expectativas. Antes, “trata de racionalizar as expectativas assentes em possibilidades e capacidades reais, aqui e agora”¹.

Em face desse cenário, pode-se inferir que quanto maior for a multiplicidade e a diversidade das ex-

periências disponíveis e possíveis (conhecimentos e agentes), maior será a desaceleração do presente e a integralidade do cuidado. Portanto, se faz necessário reintegrar o fluxo contínuo entre a realidade e as distintas formas de lidar com ela. Esse aspecto exige um diálogo constante, uma tradução possível entre diferentes saberes e práticas, fato que requer vigilância ética e epistemológica.

Das Ausências e Emergências ao Trabalho de Tradução

O Trabalho de Tradução é entendido como um procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências de mundo, tanto as disponíveis como as possíveis. Assim, busca compreender as lógicas existentes entre as diferentes formas de organização e os objetivos de cada ação de cuidado. Incide sobre os saberes entendidos como saberes aplicados, transformados em práticas e materialidades.

A importância do Trabalho de Tradução entre as práticas decorre, por um lado, da Sociologia das Ausências (visibilidade de não reconhecidos modos de cuidar), e, por outro, da Sociologia das Emergências (aplicabilidade das diferentes formas de cuidado concretamente presentes).

Ao incidir sobre os saberes, as práticas e os agentes envolvidos, o Trabalho de Tradução procura identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas oferecidas. Esclarece o que une e o que separa os diferentes movimentos e diferentes práticas, de modo a determinar as possibilidades e os limites de atuação ou agregação entre elas.

Identificar, sobretudo, os pontos em comum que representam uma possibilidade de articulação ou combinação a partir de uma outra lógica que não seja a lógica hegemônica, configura-se como um trabalho intelectual e também um trabalho político. O Trabalho de Tradução é um procedimento transgressivo, não segue regras a priori e se faz à medida que vai acontecendo¹.

MÉTODO

Este artigo constitui o recorte de uma pesquisa de doutorado e privilegia, sobretudo, a discussão dos resultados. Para alcançar os objetivos propostos no estudo original, que foi compreender as bases epistemológicas e éticas do modo de cuidar de parteiras e benzedeadas, optou-se por realizar

chama de transgressão metodológica, pois, não obedece a uma regra única e definida a priori. Ao longo do texto, alguns estratos dos discursos dos sujeitos ajudam a compreender as afirmações propostas.

O saber da benzedeira emana, sobretudo, do **dom** atribuído a Deus, escapando dos aspectos formais e informais do aprendizado:

“A oração vem do Espírito Santos, a gente sente. O Espírito Santo vem na gente. Vem do dom. Eu não sei explicar, porque não é ensinado”. (B1).

Já o saber da parteira se tece na experiência cotidiana, na transmissão dos saberes que se dá através das gerações e agrega diferentes negociações tanto com a dimensão profana da vida – saber reificado – quanto em sua com a dimensão sagrada:

“Dizia minha mãe e as parteiras que tem um osinho feito uma junta que após o parto é preciso fechar”. (P1)

“Então eu falei: Comadre! Vamos para o médico. Ela disse: Eu não quero ir para o hospital. Mas, eu falei: Não se preocupe, porque eu vou junto”. (P3).

“As parteiras têm umas orações que sempre ajudam na hora do parto”. (P4).

Observa-se que as diferentes bases epistemológicas produzem diferentes representações do objeto, e concretizam diferentes modos de cuidar.

Enquanto o saber/cuidar da parteira se dá em torno de dinâmicas interpessoais íntimas e afetivas, estabelecidas pela cumplicidade feminina, numa relação de equidade intersubjetiva que traduz um conhecimento-solidariedade. “Nesta forma de conhecimento conhecer é reconhecer, é progredir no sentido de elevar o outro da condição de objeto a condição de sujeito”⁷.

O saber/cuidar das benzedeadas forja-se com base na doutrina da religião judaico-cristã, assumindo a dimensão assistencialista. Essa dimensão imprime ao ato de cuidar um caráter dissimétrico, pois só é possível ser realizado pela submissão a Deus, ou àquela que está em seu lugar na terra.

Nas relações de cuidado das benzedeadas recai certa distância, uma vez que se processa por meio de orações e palavras algumas vezes desconexas e ininteligíveis para quem recebe o cuidado:

“São essas palavras que combatem o veneno dessa cobra. Ecoeli, alinana, sabateli, sabatana, surrate, surrite, supremo tigodero”. (B4)

Na perspectiva de Quintana⁸ é exatamente por essa ausência de inteligibilidade racional, essa assimetria de diálogo, que a relação exerce seu efeito terapêutico.

Nesse contexto, a representação social do cuidado das benzedeadas aproxima-se da representação de cuidado como caridade⁹. Por outro lado, as representações das parteiras se aproximam da idéia de cumplicidade.

“Ia banhando ela, não banhava toda não, ia banhando ela todinha de dentro para fora”. (P3)

Pode-se comprovar que as diferentes bases epistemológicas configuram dois tipos de relação e resultam em duas expressões socioéticas.

A ética das benzedeadas parece fundar-se na abordagem do pai, daquele que está separado. Noddings¹⁰ refere que o discurso da lógica masculina se tece com base na lei, nos princípios da justiça que estabelecem direitos, mas, sobretudo, deveres. A ética das parteiras aproxima-se da abordagem da mãe, que se enraíza na receptividade, na relação e na sensibilidade, remetendo à ética do cuidado.

É bom ter em conta que as abordagens éticas sugeridas pela religião, pela saúde e outras instituições são meramente utilitárias. Isso porque se baseiam num entendimento ordinário da ética, como um conjunto de regras que ancoram o contrato social, que os grupos devem aceitar a priori.

A perspectiva ética do cuidado tende a fugir desse tipo de abordagem, pois ele – o cuidado – é uma ação e não um julgamento estéril. A reflexão em torno da ação de cuidar leva em conta as transformações que permeiam as relações entre o EU, o TU e o NÓS¹¹.

Por serem as relações de afeto das benzedeadas permeadas por certa distância, pode-se dizer que sua afinidade é com a fonte do sagrado. Na relação da parteira, o afeto é mais explícito e se dá numa maior proximidade, inclusive corporal.

Não obstante essas diferenças há laços unindo as diferentes formas de cuidar dos sujeitos em questão: são, por um lado, o das necessidades do grupo; e, por outro lado, o do pedido de ajuda:

“Eu peço a Deus que cure aquela pessoa, porque ela tá precisando da ajuda de Jesus”. (B2)

“Quando me chega ela sentada numa carroça, toda molhada, as contrações uma atrás da outra: menina que negócio é esse? Ela disse: Por favor, não fale nada comigo, vem cá me acudir”. (P3)

Por estar comprometida tanto individual, quanto socialmente com a realidade à sua volta, parteira e benzedeira, por meio de distintos rituais, abraça quem precisa de seus préstimos, acolhendo a carência humana dentro do contexto real da necessidade. Essas duas formas de cuidar estão, aos olhos da racionalidade da ciência, impregnadas de desqualificação, marginalização, supressão e encontram-se silenciadas ou ocultas.

Entretanto, também o saber da ciência pode ocultar aspectos que não lhe são favoráveis/explicáveis. Os aspectos mágico-religiosos da medicina são removidos para uma zona obscura, oculta, que não é percebida nem pelos médicos, nem pelos pacientes⁸. Assim sendo, a análise epistemológica dos rituais, sejam eles científicos ou não, guarda relação direta com a inquestionável verificação da incompletude de todos os saberes: “toda ignorância é ignorante de certo conhecimento, e todo conhecimento é a superação de uma ignorância em particular”¹.

O reconhecimento do princípio da incompletude dos diferentes modos de cuidar alarga a possibilidade do diálogo e a ampliação do debate epistemológico entre as racionalidades do cuidar de base científica e o cuidar de não científico. Reside aí, também, a condição para credibilização tanto de saberes quanto dos agentes desses saberes.

O diálogo e o confronto entre os saberes científicos e não científicos “é um confronto e um diálogo entre diferentes processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias”⁷.

A seguir observaremos o saber/fazer das parteiras e benzedeadas à luz dos procedimentos sociológicos propostos por Santos.

Um olhar para as diferentes respostas à luz da Sociologia das Ausências, da Sociologia das Emergências e o Trabalho de Tradução

Como evidenciado os saberes e práticas de parteiras e benzedeadas constituem, à luz da racionalidade científica, formas de ausências, porque

escapam à lógica da cultura racional moderna. De maneira análoga, a lógica do tempo e espaço dos sujeitos do estudo pode também causar estranhamento à cultura científica.

Verificou-se que dos resultados emergiram fortemente duas monoculturas: a monocultura do saber e do rigor científico; e a monocultura do tempo linear.

A primeira representa, o modo de produção de não-existência mais poderoso e consiste em transformar tanto a ciência moderna quanto a alta cultura, respectivamente, nos únicos critérios de produção de verdade e qualidade estética⁶.

Nesse sentido, a não-existência/ausências assume a forma de ignorância ou incultura. Com base nesse critério, o modo de cuidar das parteiras e benzedeadas se caracteriza como “um saber ignorante, restos arqueológicos de um saber deitado fora na construção da ciência moderna em nome do desenvolvimento”¹:

“O benzimento é um dom de Deus”. (B3)

“Eu fui fazendo a aprendendo, quando tive que aparar a minha primeira filha, eu já sabia de tudo”. (P2)

Por sua vez, a monocultura do tempo linear descreve como “atrasado” tudo que é assimétrico em relação ao declarado avançado. “As relações de dominação mais resistentes se assentam sobre essa lógica e a dominação tem lugar graças à redução da experiência social dominada, hostil ou indesejável à condição de resíduo”⁶:

“Quando começa a aumentar aí eu começo a mandar ir botando as forças devagarzinho [...] Não mando ela botar tudo numa hora porque não tem essa mulher que agüente”. (P3).

O aparato tecnológico do modo de cuidar da ciência obstétrica é considerado avançado, em comparação ao modo de cuidar das parteiras. Contudo, na atualidade a lógica do desenvolvimento tem sido questionada dentre outros aspectos, por sua racionalidade quantificadora, que ignora o que não é mensurável como: a vida, o sofrimento, a alegria, o amor. A crítica a essa racionalidade permite a argumentação de que o discurso de desenvolvimento está impregnado de estratégias de produção de ausências.

Considerando que a Sociologia das Ausências propõe que as práticas designadas subdesenvolvidas ou ignorantes sejam credibilizadas para que possam constituir objeto de disputa política, transformando “a carência” em desperdício da experiência social. E comparando o tempo do partear das parteiras e o tempo de fazer o parto dos profissionais de saúde, sou induzida a apontar a temporalidade das primeiras como uma emergência das potencialidades desse tempo/saber. Essa premissa qualifica politicamente o saber das parteiras, permitindo a sua apreciação na formulação da política de saúde.

Para as parteiras, o respeito ao tempo do processo fisiológico constitui o grande diferencial entre o modo de cuidar delas e o dos médicos:

“A diferença dos médicos para as parteiras? É que elas esperam de Deus e os médicos querem fazer o serviço. Adiantam-se, puxam a placenta, não deixam ela descolar sozinha”. (P3)

O fragmento desse discurso destaca que a monocultura do tempo linear, quando confrontada com outras lógicas, é apenas uma dentre outras tantas concepções de tempo. Pode-se afirmar que, na perspectiva do parto fisiológico, ela se mostra ineficaz e violenta.

Não se trata aqui de questionar os avanços que a ciência e a tecnologia têm trazido para o campo da obstetrícia. Não importa, rejeitar a ciência de maneira liminar ou incondicional; o que se propõe é um alargamento da sua concepção, incluindo-a na cultura⁶. Aqui o que se coloca em questão é o conhecimento das circunstâncias, das particularidades de cada contexto social e necessidades individuais em que se dá a produção das diferentes formas de cuidar.

Assim, considera-se que o confronto da lógica da monocultura do saber e do rigor científico com outros saberes deve ser contextual. Importa destacar que um modo de cuidar de base solidária não pretende se converter em nova teoria geral, mas, sobretudo, configurar uma forma de tradução. Nesse caso, a tradução deve levar em conta o ponto de vista epistemológico de diferentes modos de cuidar buscando a melhor forma de articulá-los.

Não obstante, é sabido que o processo de tradução não constitui uma tarefa fácil. No esforço de tradução entre diferentes racionalidades de cuidar, faz-se necessário responder as seguintes questões: O que há de melhor na produção do modo de cuidar

da ciência e o modo de cuidar do conhecimento de senso comum? Quais são as suas preocupações isomórficas?

A resposta a essas questões devem poderar que qualquer modo de cuidar, independente de sua racionalidade, é finito e incompleto; portanto, ele deverá ser tecido em rede. Configura-se aí, um convite à responsabilidade epistemológica e um compromisso ético com a vida.

Sendo assim, que quando os limites do cuidado se esgotam, é preciso tratamento, e, nesse âmbito, a ciência apresenta, com base em sua competência tecnocientífica, inúmeras possibilidades de assistência. Esse aspecto é indiscutivelmente positivo e constitui o ponto forte do modo de cuidar científico.

O que se interroga nesse modo de cuidar é, por um lado, a sua exclusividade epistemológica, e, por outro, sua aplicação demasiadamente técnica. E aqui é possível identificar o ponto forte do modo de cuidar do senso comum – a consideração da subjetividade dos que sofrem. Pois, “mais do que um diagnóstico, os sujeitos desejam se sentir cuidados e acolhidos em suas demandas e necessidades”¹².

O saber/cuidar das parteiras e benzedadeiras, quando comparado ao saber/cuidar da ciência, demonstra maior competência para criar, tecer, enredar, acessar as intersubjetividades que permeiam as ações necessárias na rede do cuidado em saúde. Sabe-se que o senso comum “é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e coisa”³.

Outro ponto forte do saber do senso comum diz respeito a uma pedagogia de resistência cuja origem não se tece a partir do princípio da exclusão do diferente ou da fabricação de inexistências¹³. É um encontro entre alteridades e funda uma pedagogia da relação, cuja episteme “não é pensada, mas pensa-se dentro dela e a partir dela”¹³. Esses aspectos sugerem que a lógica que preside a episteme do saber do senso comum é distinta da episteme que organiza a lógica da ciência.

Nessa linha de argumentação, pode-se alegar que o diálogo entre alteridades forja uma raiz matricial epistêmica que não é um conceito e, por isso, não pode ser explicada dentro de uma dialética discursiva e/ou técnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bases epistemológicas de parteiras e benzedei- ras reafirmam o grande valor do cuidado oculto nesses saberes e práticas, credibilizando e legiti- mando a racionalidade que ancora o seu modo de cuidar da saúde. Evidencia que o respeito e consideração a diferentes saberes podem ampliar as bases epistemológicas do paradigma da saúde integral. As dificuldades inerentes ao processo de tradução entre as diferentes racionalidades, não devem configurar um impedimento na busca da articulação dos saberes.

Entende-se que vale a pena investir no diálogo permeado por uma razão racionalmente sensí- vel, capaz de forjar uma ciência humanamente transformadora e inclusiva. Uma rede de cuidado manifesta-se pela sua capacidade de negociação, destacando a oportunidade única que cada mo- mento de cuidado oferece.

Para finalizar, ressalta-se que uma nova ciência da saúde, exige a intermediação entre a teoria, a realidade, e a intersubjetividade dos agentes en- volvidos no processo de cuidar. O esforço para a formação de uma rede solidária de conhecimento em saúde certamente sinaliza contra o desperdício da experiência social.xc

REFERÊNCIAS

- 1.Santos BS. Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. In: Conheci- mento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez; 2004. p. 777-821.
- 2.Santos BS, Menezes P, Arriscado J. Introdução: para ampliar o cânone da ciência – a diversidade epistemológica do mundo. In: Santos BS, orga- nizador. Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Porto: Afrontamento; 2004.p.19-84
- 3.Santos BS. Um discurso sobre as ciências. 14ª ed. Porto: Afrontamento; 2003.
- 4.Lima NA. Valores sociais e atividades científi- cas: um retorno à agenda de Roberts Merton. In: Portocarrero V, organizadora. Filosofia, história e sociologia das ciências: abordagens contem- porâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1994.
- 5.Bauman Z. Vida líquida. Trad. de Carlos Me- deiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2007.
- 6.Santos BS. Fórum Mundial Social: manual de uso. Porto: Afrontamento; 2005.
- 7.Santos BS. A crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência. 4ª ed. São Paulo: Cortez; 2002.
- 8.Quintana A. A ciência da benzedura. São Paulo: EDUSC; 1999.
- 9.Borges MS. Mel com Fel: representações sociais da Enfermagem e suas implicações para cida- dania [dissertação]. Brasília: Universidade de Brasília; 2000.
- 10.Noddings N. O cuidado: uma abordagem feminina à ética e à educação moral. Trad. de Magda Lopes. São Leopoldo: Unisinos; 2003.
- 11.Buber M. Eu e Tu. São Paulo: Moraes; 1987.
- 12.Luz, M.T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. Phisys. Revista de Saúde Coletiva, v.7,n.1,p.13-43,1997
- 13.Streck D. Encobrimientos e emergências pedagó- gicas na América Latina. Rev Lusófona de Educação 2005; (6):55-66.

Este estudo apresenta um recorte da tese de doutorado intitulada *Ainda-não*: potencialidades e possibilidades do cuidado humano, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, em 2006. 163p.

Parte do estudo foi financiada pela CAPES por meio de uma bolsa sanduíche no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, sob co-orientação de Boaventura Souza Santos.